

O discurso do prazer: uma análise semiótica dos memoriais acadêmicos

(The pleasure discourse: a semiotics analysis of academic autobiographies)

Mariana Luz Pessoa de Barros¹

¹Universidade de São Paulo (USP)

maluzpessoa@hotmail.com

Abstract: We propose a semiotics discursive study of the enunciator's ethos in the academic autobiographies produced at the Letters School and the Bioscience Institute of the University of São Paulo from the 70s until now. This study allows us to observe some genre changes and their effects on the ethos projection. Among the many changes, the singularity effect and the pleasure dimension are emphasized and both are incorporated as a requirement of most recent works.

Keywords: ethos; enunciation; semiotics; academic autobiography.

Resumo: Propomos um estudo semiótico discursivo do *éthos* do enunciador dos memoriais acadêmicos produzidos na Faculdade de Letras e no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, dos anos 70 aos dias atuais. Tal estudo permite observar algumas mudanças pelas quais o gênero passou e seus efeitos sobre a projeção do *éthos*. Destacam-se entre as diversas mudanças, o efeito de singularidade e a dimensão do prazer, ambos incorporados como exigência de grande parte dos memoriais mais recentes.

Palavras-chave: *éthos*; enunciação; semiótica; memorial acadêmico.

Introdução

O “drama do desmemoriado” começa quando o professor-pesquisador, por meio da escritura de sua vida, deve assumir um novo papel: o de narrador e, ainda, o de narrador de suas memórias. É o que faz o professor Rodolfo Ilari em seu memorial acadêmico, produzido por ocasião do concurso para o cargo de Professor Titular, em 1996, junto à Universidade de Campinas.

Com um prego enferrujado ou um graveto de castanheira, traçávamos um círculo no chão da praça, que já havia sido estrebaria do castelo e garagem de blindados dos dois exércitos de ocupação. Colocávamos no centro nossas figurinhas, representando animais, soldados em uniforme, futebolistas ou ciclistas famosos.

O jogo consistia em tirar as figurinhas do círculo, e cada um tinha a sua ferramenta própria: uma pedra chata, uma chapa de metal ou um caco de telha alisado interminavelmente nos dias de chuva.

Alguns meninos eram admiravelmente hábeis em acertar o monte de figurinhas, carregando-o inteiro para fora da risca no primeiro arremesso da malha: mas o vento que soprava dos “brik” era mais hábil que todos nós, e às vezes carregava as figurinhas para os quatro cantos do terreno baldio. Íamos encontrá-las depois, sem saber a quem pertenciam, desbotadas e empastadas de terra.

Por alguma razão misteriosa, lembro-me daquela praça e daquele vento toda vez que penso na precariedade de minha memória. Minhas figurinhas estão perdidas por todos os cantos, e misturaram-se para sempre com as de tantos companheiros que vieram traçar círculos no mesmo terreno baldio: sofreram com o vento, o sol e a chuva e todo o cuidado em espanar a terra que as cobre não lhes devolve o antigo colorido.

O fato é que lutei sempre com uma dificuldade enorme para lembrar o que quer que seja, e tenho convivido desde criança com a sensação de que tudo aquilo que sei precisa sempre ser retomado *da capo*. Para quem começa a escrever um “memorial”, é uma sensação trágica, que não chega a ser compensada por outra – a de que apenas as emoções ficaram: se isso é verdade, contar é reviver: nada de *res gestae*, apenas o *rem gerere* dos ruminantes. (ILARI, 1996, p. 1-2)

O memorial acadêmico possui como temática a recriação do percurso intelectual e profissional daquele que escreve, assemelhando-se a uma autobiografia intelectual. Raramente publicado, é redigido numa situação de concurso, o que lhe impõe uma finalidade singular: fazer com que esse percurso seja aprovado pela banca de examinadores. A arguição a respeito do que se narra é um momento de avaliação importante do concurso de ingresso como professor em uma universidade, bem como de outros concursos que fazem parte da vida acadêmica: o de efetivação docente, o de livre-docência e o de titularidade. Há, então, um enunciador que, ao relatar sua vida, busca comprovar que foi adquirindo competências suficientes para ser sancionado de forma positiva pelo enunciatário. A princípio, esse gênero, pertencente à esfera das atividades científicas e acadêmicas, parece cumprir uma função bastante utilitária e nada estética.

Tendo isso em vista, propomos neste artigo um estudo semiótico discursivo do *éthos* do enunciador dos memoriais acadêmicos produzidos na Faculdade de Letras e no Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, dos anos 70 aos dias atuais. Foram selecionados para a análise 10 exemplares de cada área, em função da representatividade que possuem em relação ao todo.¹

O recorte temporal proposto possibilita a categorização dos exemplares em, ao menos, dois modelos distintos, ligados a décadas específicas. Assim, o *modelo 1* está atrelado à década de 70 na Faculdade de Letras e às décadas de 70 e 80 no Instituto de Biociências; o *modelo 2*, às décadas de 80, 90 e 2000 na Faculdade de Letras e às décadas de 90 e 2000 no Instituto de Biociências. Como será mostrado, enquanto os textos do *modelo 1* apresentam-se, predominantemente, quase como currículos expandidos ou relatórios de atividades acadêmicas e científicas, os do *modelo 2* abarcam também a vida privada, falam da infância e das relações familiares e de amizade, abrindo-se inclusive à incorporação de fotos pessoais e de outras recordações.

De cada modelo, depreende-se, enquanto tendência, um modo próprio de organizar discursivamente a memória do passado, ou seja, um modo de dizer e de estar no mundo, um sujeito, um *éthos*. Nesse sentido, a noção de *éthos* e a de estilo são convergentes:

Pensamos no estilo como o modo próprio de dizer de uma enunciação, única, depreensível de uma totalidade enunciada. Essa perspectiva faz com que as relações de sentido converjam recorrentemente para um centro que, longe de mostrar um sujeito empírico, cria o próprio sujeito. (DISCINI, 2003, p. 17)

¹ Este artigo recupera algumas das conclusões a que chegamos em nossa pesquisa de doutorado (BARROS, 2011), realizada com bolsa do CNPq.

O *éthos* será, portanto, entendido, tal como vem sendo trabalhado pela semiótica de linha francesa, como um simulacro produzido no e pelo discurso. Sua apreensão constitui parte importante do exame da relação entre os parceiros da comunicação – o enunciador e o enunciatário –, pois, ao projetar um simulacro, o enunciador leva em conta a imagem que acredita que o enunciatário possui dele (DISCINI, 2003, p. 29). Como afirma Maingueneau sobre o *éthos*: “Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário através da própria fala do locutor” (2008, p. 14).

Os gêneros mais flexíveis, como os literários, permitem recortar, com grande facilidade, *éthe* bastante diversificados nas obras que os realizam, o que não ocorre com aqueles pouco flexíveis, como receitas e bulas de remédio, pois apresentam um *éthos* mais estereotipado. Um discurso de um determinado gênero que manifeste um *éthos* do enunciador não esperado pelo enunciatário pode comprometer a relação de crença existente entre eles ou, então, renová-la.

A bula, conforme mostra Discini (2009), é um gênero bastante rígido e que, assim, não permite muita variabilidade na construção do simulacro do enunciador; pressupõe um estilo tendente aos efeitos de objetividade, com “ares” de discurso científico e um corpo construído como asséptico e isento. Imaginemos agora uma bula de remédio que, ao contrário do previsto, possua um *éthos* passional, descomedido, ao qual falta a objetividade. A presença desse *éthos*, como fiador do discurso que é, em princípio, tornaria não confiável tudo o que é dito ali. Além disso, ela poderia criar uma sensação de desconforto, de estranhamento para o enunciatário, que pode ser indesejável, a não ser no caso de tratar-se de uma paródia do gênero. Não se deve esquecer que as coerções de gênero podem prestar-se a subversões.

Duas memórias, dois memorialistas

No gênero memorial acadêmico, o enunciador, em busca da sanção positiva da banca e, assim, da comunidade acadêmica, apresenta sua trajetória intelectual e profissional orientado pelo objetivo de vê-la aprovada por seus pares. Afinal, isso significa o reconhecimento do candidato como um professor-pesquisador competente e apto a passar em determinado concurso. Essa cena genérica parece, em grande parte dos casos, ser determinante do modo como o *éthos* dos memorialistas irá se construir, uma vez que a projeção de uma imagem de eficiência, de neutralidade, de dedicação e de coerência, entre outros elementos, parece fundamental para que o candidato seja bem avaliado.

De fato, é o que observamos nos memoriais do *modelo 1* (aquele que aparece mais nas décadas de 70 na Faculdade de Letras e nas décadas de 70 e 80 no Instituto de Biociências). Eles são escritos, predominantemente, na norma culta, segundo um registro formal, indicando o domínio da variante de prestígio. Com relação ao léxico, é importante ressaltar a reiterada presença de termos técnicos. Essas características conferem ao enunciador uma imagem de competência compatível com as expectativas relativas à situação de comunicação, tanto em relação aos conhecimentos exigidos por sua área de atuação, como à própria escritura do memorial. Não bastaria que o narrador afirmasse conhecer bem a área ou saber fazer um memorial. É preciso que seu dizer “comprove” isso, por meio de, entre outros recursos, o emprego da metalinguagem própria à sua área de estudo, como neste caso:

- (01) Durante esse estágio, dedicou-se ao estudo de Sistemática de *Drosophila*, tendo sido co-autor da descrição de duas espécies novas dessa mosca: *Drosophila neoelliptica* species nova C. Pavan e L. E. de Magalhães – publicados nas páginas 16 e 19 de: 1. PAVAN, C., 1959 “Espécies Brasileiras de *Drosophila* II”, Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo CXI. Biologia Geral n.º. 8, 1959, 37 págs. (MAGALHÃES, 1978, p. 3)

Algo próprio também do *modelo* em questão é o uso abundante de topônimos e de cronônimos, elementos que possuem a função de ancoragem e que visam, portanto, a “construir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido ‘realidade’” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 30). É o que observamos no memorial de Antonio Candido (“na Universidade de São Paulo”; “em dezembro de 1960”; etc.), no qual também há um largo emprego de antropônimos (“Roberto Schwarz”). Tais elementos, responsáveis pela ilusão do real, produzem ainda o efeito de um fazer metódico, pressuposto à elaboração do texto. Tudo o que se narra é datado, documentado, comprovado, como deve ser em um texto que faz parte do universo acadêmico. Geralmente o relato é ainda todo permeado pela indicação da documentação que acompanha o memorial e serve de prova “incontestante” do que é narrado.

- (02) Contratado em dezembro de 1960 para inaugurar na Universidade de São Paulo o ensino de Teoria da Literatura, o candidato se preocupou desde logo em formar uma equipe, que pudesse continuar e desenvolver as atividades da disciplina recém-criada.

O primeiro elemento recrutado, Roberto Schwarz, foi encaminhado com este intuito para os Estados Unidos no fim de 1961. Lá estudou sob a orientação de René Welleck no Departamento de Literatura Comprada (que engloba Teoria da Literatura) da Universidade de Yale, obtendo grau de mestre. De volta, foi nomeado Assistente no fim de 1963. (CANDIDO, 1974, p. 21)

Esse detalhamento, que confere alto índice de iconização às figuras, fortalecendo o efeito de objetividade, conecta-se a outros aspectos discursivos. Nota-se, com relação à discursivização da pessoa, que é utilizada a embreagem enunciativa da enunciação e do enunciado (o narrador é construído de maneira implícita e o ator do narrado é chamado de “candidato” ou por um “ele”), produzindo um distanciamento entre a instância da enunciação e o próprio enunciado (FIORIN, 1996). Tal recurso cria a ilusão de que a trajetória do candidato “narra” a si mesma: é como se não houvesse um sujeito discursivo por trás dos fatos. O efeito é de objetividade, mas não de qualquer objetividade. Temos uma objetividade afim com aquela conferida pelo discurso acadêmico.

A linguagem possui pouquíssimas marcas de subjetividade, conforme mostra a escassa utilização de adjetivos com semantização mais emocional, como “horrendo”, “maravilhoso” ou “amedrontador”, e a quase ausência de advérbios modalizadores, como “lamentavelmente”. Essa escolha lexical, de um modo geral, reforça, nos textos do *modelo 1*, a distância estabelecida entre o enunciado e a enunciação, como se nota na expressão utilizada em Candido para se referir a Roberto Schwarz: “elemento recrutado”. O uso dominante da pontuação com baixo impacto emocional – marcado pela rarefação de exclamações e reticências, entre outros recursos – corrobora o tom de uma subjetividade contida. Revela-se, assim, uma imagem de enunciador construída segundo o efeito de distanciamento. O simulacro criado é o de alguém que não se deixa levar pelos afetos na tomada de decisões profissionais. É o *dever* que modaliza o sujeito em sua relação com o trabalho, sempre preocupado com os rumos da Universidade, do departamento, da área.

Até aqui apontamos algumas características de estilo próprias aos memoriais do *modelo 1*. Entretanto, é preciso lembrar que estamos trabalhando com dois modelos de memorial e que diferenças significativas podem ser verificadas no modo de construir o *éthos* em cada um. Uma das principais inovações do *modelo 2* é que, nele, o *éthos* incorpora uma série de características sensíveis. Podemos tomar o termo “sensível” na sua dupla acepção: a que aponta para as paixões, os afetos e a que aponta para o universo perceptivo. Passemos, então, à análise dos textos mais recentes.

Chama a atenção o uso dominante da debreagem enunciativa de pessoa em um texto que circula no meio acadêmico; debreagem enunciativa tanto da enunciação – narrador diz *eu* – quanto do enunciado – ator do narrado é também designado como um *eu* (FIORIN, 1996). O efeito é de subjetividade. O sujeito por trás da narrativa evidencia-se e ainda mostra, em parte, o seu comprometimento e a sua parcialidade em relação ao narrado; afinal, fala de si. Aproxima-se o enunciado da enunciação, assim como o enunciatário do enunciator.

A debreagem enunciativa está em sintonia com outras mudanças linguísticas e discursivas, verificadas nos memoriais mais recentes, que contribuem também para uma sensibilização maior do *éthos*. É o caso do emprego de um léxico mais afetivo e sensorial. Revela-se, assim, a presença de um sujeito que está imerso no mundo e o *sente*, como já se observa no fragmento do texto de Discini, que fala da dor da recordação:

- (03) Dói construir a memória. Dói crer que é possível fazê-lo. Estouram borbotões de toda espécie de água das barrancas mais ensombreadas pela vegetação trançada do tempo. Há ameaça de inundação pela escuridão aquosa. Se se foge, entretanto, para terreno batido e claro, com olhos pingando apenas o agora do agora, há, entre outros, o perigo de ter o olhar bebido pela tristeza das sombras renegadas. Avancemos, então; ou melhor, recuemos. É bom lembrar, aliás, que falar de escuros é também falar de clarões, já que em ambos habita a luz, quer como ausência, quer como presença. (DISCINI, 2002, p. 8)

Nos diversos trechos citados a seguir, notamos especialmente o uso de um número maior de adjetivos que expressam qualidades subjetivas (“querido”) e avaliações passionais (“incrível”); algumas vezes são intensificados pelos advérbios (“tão querido”, “muito feliz”). Também se tornam mais numerosos os advérbios que revelam como a vida é percebida pelo sujeito que a narra (“freneticamente”, “fervorosamente”), os possessivos, que mostram o vínculo do narrador com seu passado (“nosso”, “minha”), os verbos e substantivos que remetem ao universo sensorial ou passional (“desejava”). Além disso, as interjeições (“ufa”) se fazem mais frequentes e a pontuação é usada de maneira expressiva: a exclamação se torna recorrente no *modelo 2*.

- (04) Todo esse aprendizado não seria possível, sem a presença do nosso querido técnico Antonio Carlos Barbosa [...] (ANGYALOSSY, 2006, p. 5)
- (05) E foi assim que conheci a Professora Nanuza Luiza de Menezes!!! (ANGYALOSSY, 2006, p. 1)
- (06) Existiam pessoas cuja profissão era estudar, ensinar e fazer pesquisa! Incrível! Era isso que eu queria ser! (URSI, 2007, p. 2)
- (07) Foram eles que escolheram o tão querido Colégio de Santa Inês (bairro do Bom Retiro, São Paulo) para minha formação inicial. (URSI, 2007, p. 2)
- (08) Fiquei muito feliz ao ver a receptividade dos visitantes. (URSI, 2007, p. 9)
- (09) Ufa! 1979. (MATIOLI, 2001, p. 4)

- (10) Com o fim do Mestrado e início do Doutorado, comecei a me preocupar freneticamente em conseguir uma ocupação mais segura que aquela proporcionada por bolsas, desejava fervorosamente um emprego. (MATIOLI, 2001, p. 5)

Enfim, existem muitas diferenças entre os textos pertencentes a cada *modelo*, mas há dois aspectos que se destacam no que diz respeito às mudanças na configuração do *éthos* do memorialista: a ênfase que ganhou a construção do efeito de singularidade e o fortalecimento da dimensão do prazer.

Iniciemos pelo primeiro aspecto. O *éthos* depreendido dos memoriais revela um sujeito único, singular, uma vez que cada memorialista passa a diferenciar-se dos demais conforme o tom asséptico, predominantemente voltado aos efeitos de objetividade e de neutralidade, vai sendo enfraquecido, o que ocorre sobretudo nas páginas iniciais ou finais dos textos.

Ao compararmos os *éthe* que podemos depreender dos memoriais do *modelo 1*, encontramos uma grande semelhança em sua configuração, o que indica que as coerções genéricas se avolumam em relação ao estilo autoral. Não é o que ocorre quando confrontamos os diversos textos do *modelo 2* e descobrimos uma diferenciação maior entre os *éthe*. Há no *modelo 2* uma flexibilização do gênero, que favorece o estilo de autor.

Existem, porém, limites para essa flexibilização. Não foi abandonada a imagem de eficiência, de competência institucional, mas agrega-se a ela a marca da individualidade, própria a gêneros mais flexíveis que possibilitam, como foi dito, a emergência de um estilo autoral. A leitura dos memoriais produzidos nos últimos anos parece revelar que o efeito de singularidade, de mostrar-se diferente dos demais, é algo desejável para que o enunciador seja sancionado de forma positiva. Se o sujeito é único, ele pode tornar-se também imprescindível.

A diversificação dos textos é que nos permite fazer tais constatações, algo já presente em sua organização. Se tomarmos o sumário dos memoriais do *modelo 1*, encontraremos tópicos bem parecidos de um texto para o outro (Formação, Docência, Títulos, Prêmios, Publicações, Orientações, etc.), enquanto nos memoriais do *modelo 2* isso varia mais. Embora a ordem cronológica quase sempre prevaleça, os exemplares desse segundo modelo são divididos e subdivididos de maneiras diversas.

É preciso enfatizar que, em ambos os *modelos* de memorial, geralmente, a vida é analisada e dividida em fases, que recebem depois uma classificação, o que contribui para a criação do *éthos* do memorialista como o de um professor-pesquisador apto para o trabalho numa universidade, já que essa forma de organização retoma uma característica central dos discursos pertencentes a gêneros que circulam na esfera científica e também na didática. O narrador, identificado ao enunciador, mostra-se assim como alguém capaz não apenas de narrar seu percurso profissional, mas também de analisá-lo. O memorial do professor Antonio Candido é exemplar quanto a tais características. Ele encontra-se dividido segundo os itens: A. Atividades básicas, B. Atividades docentes, C. Principais cursos breves, conferências, etc., D. Formação de quadros docentes e de pessoal qualificado, E. Atividades complementares. Cada item, por sua vez, subdivide-se em novos itens.

O que muda, portanto, do primeiro para o segundo modelo é que as formas de dividir o texto se tornam mais variadas. Passa a ser possível nomear os tópicos levando em conta os lugares, as cidades ou as instituições por onde o candidato passou: “I. Montes

Claros. Família. Primário. Ginásio”; “2. Belo Horizonte. Científico. Clássico”, etc. (LAFETÁ, 1999). Outra solução é organizar o memorial de acordo com os diferentes papéis assumidos pelo candidato ao longo da vida: estudante (“Formação”), professor (“Cursos ministrados”), pesquisador (“Publicações”), entre outros. Há aqueles que preferem ainda outras formas de divisão, estabelecidas a partir de mudanças importantes: “Antes de Abidjan”, “Em Abidjan”, “Depois de Abidjan”, para a professora Margarida Petter, que viveu 6 anos na Costa do Marfim, tornando-se uma linguista especializada em línguas africanas: “A experiência africana foi definitiva e exemplar” (PETTER, 2008, p. 13). A liberdade maior na organização dos textos faz emergir sujeitos singularizados, ou seja, projeta um estilo autoral, a ser confirmado em outras obras dos mesmos autores.

Os nomes escolhidos para cada uma das partes já revelam posições diferentes com relação ao passado e com a vida em geral. A parte dedicada propriamente à narrativa da trajetória intelectual pode ser chamada de Histórico, Diário, Memória, Percurso, Introdução, Relato(s), Perfil profissional, Trajetória de vida, Apresentação, Parte 1, entre outros. Geralmente, o “Diário” possui um tom mais confessional e íntimo; já o tom do “Perfil intelectual” é o da ciência; o do “Relato” pode ser mais jornalístico; etc. Assim, há memorialistas saudosos, grandiloquentes, assépticos, debochados, contidos, derramados, irônicos. Em Angyalossy, reconhecemos certo saudosismo, o passado é reconstruído como período repleto de aromas e cores, enquanto em Neves as ironias e as críticas recorrentes ajudam a compor um tom mais ácido:

- (11) Nasci em uma fazenda de café e desde cedo convivi com o cheiro dos grãos de café secando no terreiro – trago este aroma em minha mente até hoje [...] (ANGYALOSSY, 2006, p. 1)
- (12) A Antropologia Biológica pré-histórica praticada, à época, no Brasil, remetia-se ainda às velhas escolas raciológicas e tipológicas européias do século XIX. Media-se primeiro para pensar depois (na melhor das hipóteses). (NEVES, 2007, p. 7)

Embora não seja intenção deste trabalho analisar a parte gráfica, é inegável que ela confirma nossas afirmações. É possível, no *modelo 2*, variar a escolha de fontes, o espaçamento, a configuração da página, o tamanho dos títulos e subtítulos, entre outros recursos. Com relação às capas, notamos que as de cor preta, vinho ou azul, com letras douradas ou prateadas, remetendo a um *éthos* mais impassível, a um tom de voz mais solene e a um corpo rígido, deu lugar a algumas outras possibilidades.

Encontramos variados tipos de papel compondo tanto a capa quanto a contracapa, o que produz diferentes impressões táteis para o leitor. Além disso, é possível inserir cores, letras em fontes pouco usuais, imagens, formas geométricas, como vemos em Leite (2006):

MARLI QUADROS LEITE

MEMORIAL

*Concurso para provimento de cargo de Professor Livre-Docente
na Área de Língua Portuguesa, junto ao Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.*

São Paulo, 2006

Figura 1. Contracapa de memorial

Houve uma flexibilização do gênero, mas é necessário ressaltar que essa flexibilização é bem menor do que a que encontramos, por exemplo, em obras literárias. Se o ator da enunciação deve mostrar que é único, constituindo-se como efeito de *singularidade*, não pode deixar de enfatizar que corresponde ao que se espera de um professor-pesquisador, adequando-se a certos padrões. Inclusive, o próprio efeito de *singularidade* deve ser entendido no trato com as coerções do gênero.

O segundo aspecto que abordaremos com relação às mudanças ocorridas na configuração do *éthos* dos memorialistas diz respeito à incorporação da dimensão do *prazer*, que aparece como exigência do *modelo 2* de memorial acadêmico. A imagem do enunciador passa a remeter a um sujeito que *sente* o mundo representado, ou seja, o passado emergente na linguagem. Constrói-se como alguém cuja relação com o trabalho, com a vida profissional, é fonte de *prazer*. E aqui podemos recuperar o prazer em dois sentidos diferentes, ligados às duas acepções de “sensível”, já comentadas.

Parret (2006) mostra que há uma classe de prazeres associada à satisfação de uma necessidade. A outra classe diz respeito aos prazeres que, livrando-se da necessidade, conquistaram a autonomia: prazeres lúdicos, prazeres gratuitos. A experiência estética faz parte deste grupo. Assim, haveria duas maneiras de sermos afetados: pelos desejos e pelas sensações. Cada uma dessas classes insere-se em uma tradição filosófica diferente.

Entretanto, o que o autor busca é estabelecer um fundo comum a essas duas formas de prazer. Assim, encontra o corpo como substrato necessário nas duas perspectivas: corpo-desejo e corpo-sensação, duas figuras do que chama de corpo-em-vida. O corpo aproveita tanto os desejos em profundidade (vertical) quanto as sensações de superfície (horizontal), sendo o prazer tributário de ambos. Parret afirma ser o prazer a “interface das necessidades e das sensações. E o corpo-em-vida é o nó do corpo-desejo e do corpo-sensação” (2006, p. 142; tradução nossa).²

Além disso, nas duas formas, o prazer é sempre vivido por nosso *corpo* como não-dor. Parret busca descrever o que chama de “momento essencial do prazer”, que seria a vivência de um alargamento do tempo da presença, de maneira que nenhum suplemento de duração possa ultrapassá-lo, somado a uma difusão corporal, já que é o corpo em sua unidade (e assim totalidade) que vive o prazer: “O prazer em sua plenitude *implode* e *explode*, tensividade constitutiva do prazer do corpo-em-vida. Esta é a verdade do prazer” (PARRET, 2006, p. 133; tradução nossa).³

Essas duas formas de prazer são colocadas em cena nos memoriais mais recentes. Em alguns, como no de Leite, o trabalho universitário aparece como realização de um *desejo*: “uma tendência forte”, “uma convocação”. O sujeito, em sua relação com o trabalho, é modalizado pelo *querer*, além do *dever*.

A intensidade do *querer* faz com que o sujeito praticamente perca o domínio de si, como se, cindido em dois, fizesse desse estado passional um destinador que vem tomar, de certa forma, o controle da situação. O “prazer de ter feito algumas pessoas reconhecerem o alfabeto” é a recompensa por buscar o objeto desse *querer* intenso. O prazer liga-se nesses casos à noção de *vocação*. Neves também fala do *desejo* que se impõe ao sujeito,

2 No original: “[...] interface des besoins et des sensations. Et le corps-en-vie est le noeud du corps-désir et du corps-sensation”.

3 No original: “Le plaisir dans sa plénitude *impluse* et *expluse*, tensivité constitutive du plaisir d’un corps-en-vie. Telle est la vérité du plaisir”.

figurativizando-o como “necessidade quase visceral”, ou seja, algo inevitável por perpassar o corpo em toda a sua profundidade.

- (13) Ainda consigo sentir o prazer de ter feito algumas pessoas reconhecerem o alfabeto, assinar o próprio nome e ler algumas palavras. Essa era uma tendência forte em minha vida, uma convocação da qual não poderia passar ao largo. (LEITE, 2006, p. 10)
- (14) O fato é que eu, ao final dos anos 1980, estava me tornando a passos largos um amazonista, e eu nunca quis me transformar em qualquer tipo de “ista”. Além disso, eu já estava sentindo uma necessidade quase visceral de voltar a dedicar uma boa parte de meu tempo a materiais esqueléticos humanos de origem arqueológica. (NEVES, 2007, p. 12)

O período da infância, quase ausente nos memoriais do *modelo 1*, torna-se assim de grande relevância. É possível localizar no passado mais remoto a vontade de pesquisar, de ser professor, de conhecer, de experimentar. Essa vontade estabelece a direção para o percurso do sujeito.

Encontramos também nos memoriais a outra forma de prazer. A relação do sujeito com o mundo aparece, então, como pautada por aspectos sensoriais, o que resulta em fruição. Como um bom vinho, o conhecimento do professor acaba por “inebriar” Neves. A satisfação de entrar em contato com um vasto saber é vivida como entorpecimento do corpo.

- (15) Seu conhecimento quase ilimitado sobre a diversidade social e cultural das populações primitivas, maiormente sobre as populações indígenas brasileiras, me inebriava e foi o trampolim a partir do qual enveredei para os estudos sobre sociedades de caçadores-coletores e sobre sociodiversidade humana em geral, seja via arqueologia, seja via antropologia de populações a nós contemporâneas. (NEVES, 2007, p. 7)

Angyalossy recorda o “cheiro dos grãos de café”; a intensidade do aroma é responsável por fazer com que o sujeito no presente possa ainda senti-lo como impressão fixada na memória (ver exemplo 11).

Essa classe de prazeres pode ainda se revelar no emprego de uma linguagem mais literária, que traz para o memorial o fenômeno estético, tão bem explorado por Greimas (2002) em *Da imperfeição*. O semiótico mostra, nessa obra, como a experiência estética rompe a vida representada, operando uma mudança de isotopias, e estabelece uma relação sensorial entre sujeito e objeto.

É o que encontramos em Arrigucci, que apresenta as “imagens” que se alternavam em sua vida de menino: as cidades e a roça.

- (16) O Rio era então o mar e a cidade grande, o maravilhamento da luz, em contraste com uma São Paulo cinzenta e meio ameaçadora, mal percebida de passagem pelos quartos de hotel – sobretudo do City Hotel daquele tempo – ou no rebuliço assustador das ruas. Essas imagens se alternavam, em minha vida de menino, com as da roça, do mato e dos rios, do Campo Triste, das caçadas e pescarias, das fazendas de colonos que eu visitava muitas vezes com meu pai, no atendimento aos chamados dos doentes (ARRIGUCCI JR., 1990, p. 1)

Para recriar discursivamente as lembranças dos dois espaços e, assim, promover sua alternância no texto, o narrador investe numa forte densidade semântica, dada pela figurativização. Um universo sensorial, e principalmente visual – de claros e escuros –, apresenta-se para o leitor. São Paulo, cidade “cinza”, contrasta com o Rio, repleto de “luz”. O cromatismo encontra correspondência nos estados de alma do menino: se a ausência

de luz pode ser ameaçadora, sua presença provoca o “maravilhamento”. O impacto do encontro com as grandes cidades sobre a criança é forte, assim como sobre o enunciador e o enunciatário, o que se revela principalmente pela descrição muito breve feita das duas metrópoles: privilegiam-se os aspectos sensoriais que parecem concentrar o sentido dado a elas. A metonímia que descreve o Rio (“Rio era então o mar”), por exemplo, intensifica o choque, por meio do uso não-corrriqueiro da linguagem e também por apresentar a cidade de maneira tão condensada. Cabe ao enunciatário desdobrar os sentidos aí investidos, desacelerando o impacto sensível causado pela figura de linguagem para chegar à compreensão.⁴ Ao encontro com as duas metrópoles opõe-se a vida cotidiana de cidade pequena, a que gera conforto, mas não “alumbramentos”. A rotina, no caso das “imagens na roça”, é nesse trecho construída pela enumeração, com sua forma redundante. Diversos elementos próprios à linguagem literária podem, então, ser reconhecidos em Arrigucci; a experiência da estesia deixa de pertencer apenas ao ator biografado ou ainda ao narrador recordador para ser compartilhada pelo enunciador e pelo enunciatário.

Considerações finais

A possibilidade de estabelecer dois modelos de memorial é flagrante da *relativa* estabilidade do gênero de que fala Bakhtin (2006). De natureza socioletal, o gênero discursivo remonta às práticas pouco a pouco sedimentadas pelo hábito das comunidades linguísticas e culturais no curso da história. Pode ser entendido, então, como um produto do uso, que se estabelece entre o sistema (*langue*) e a fala (*parole*). Sua análise parece-nos fundamental para os estudos da enunciação, pois, conforme Bertrand (2003), não se pode compreender a enunciação individual sem levar em conta as enunciações coletivas que a antecederam e que a tornam possível, uma vez que a sedimentação das estruturas significantes, resultantes da história, determina todo ato de linguagem:

A primazia da práxis enunciativa sobre o engajamento particular na fala em ato é um primeiro dado: a enunciação, a seu modo, convoca os produtos do uso que ela atualiza no discurso. Quando os revoga, ela pode transformá-lo, dando lugar a práticas inovadoras, que criam relações semânticas novas e significações inéditas. E esses enunciados, por sua vez, se forem assumidos pela práxis coletiva, poderão cair no uso, nele se sedimentando e assim se tornando convocáveis, antes de se desgastarem e serem revogados. [...] Essa dialética da práxis (sedimentação/inação) questiona pois, prioritariamente, a espessura cultural do sentido. (BERTRAND, 2003, p. 88)

Os gêneros vivem, então, nesse ir e vir entre a sedimentação e a inovação. Assim, o exame desse objeto requer um olhar atento tanto para estabilidades (as invariantes) quanto para instabilidades (as variantes), como esperamos ter mostrado.

O uso das debreagens enunciativas de pessoa, de tempo e de espaço em grande parte dos memoriais produzidos na Faculdade de Letras a partir dos anos 80 e no Instituto de Biociências a partir dos anos 90, em oposição à enunciativa, própria dos textos anteriores, aponta para uma transformação bastante relevante, corroborada por outros recursos: o fortalecimento do efeito de subjetividade – que convive com o de objetividade – e do efeito de singularidade.

4 O impacto sensível é compreendido aqui a partir da noção de *acontecimento*, proposta por Zilberberg (2007).

Entre esses outros recursos, estão os elementos que revelam um *étos* mais passionalizado e sensibilizado, como o recorrente uso das interjeições, do léxico de caráter mais afetivo e sensorial, apenas para citar alguns. A incorporação da linguagem mais sensorial e afetiva contribui para criar uma imagem de enunciador menos distante de seu passado e ainda para estabelecer uma relação de prazer entre o memorialista e seu ofício.

É preciso dizer que a entrada do prazer nos memoriais é realizada de maneira tímida, já que sua recriação discursiva é localizada, pode ser depreendida de algumas passagens espaçadas. Ainda assim sua presença é relevante: indica que os memoriais atuais pedem um sujeito que se mostre afetado sensivelmente por seu trabalho para que seja bem avaliado. Isso é também bastante revelador da esfera de circulação da qual faz parte o memorial, o meio acadêmico brasileiro. Seria uma exigência atual desse meio construir o simulacro do cientista, professor e intelectual como o de alguém que sente prazer em realizar seu trabalho?

Essa análise parece, portanto, sugerir que houve mudanças na vida acadêmica em nosso país, no que se espera como imagem do professor-pesquisador, que precisa mostrar sua singularidade e também encontrar espaço para os prazeres individuais (*querer*) em meio aos projetos coletivos (*dever*).

REFERÊNCIAS

ANGYALOSSY, V. *Memorial*. 2006. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso de Livre-Docência junto ao Departamento de Botânica) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ARRIGUCCI Jr., D. *Memorial*. 1990. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso de Livre-Docência junto ao Departamento de Teoria Literária) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARROS, M. L. P. *O discurso da memória*. Entre o sensível e o inteligível. 2011. 307 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução do Grupo Casa. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2003.

CANDIDO, A. *Memorial*. 1974. Memorial acadêmico (Memorial apresentado ao concurso para provimento de um cargo de Professor Titular no Departamento de Linguística e Línguas Orientais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DISCINI, N. *Memorial*. 2002. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso para provimento de um cargo de Professor Doutor no Departamento de Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. Semiótica: da imanência à transcendência (questões sobre estilo). *Revista Alfa*, São Paulo, Unesp, v. 53, n. 2, p. 595-617, 2009.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Cláudia de Oliveira. São Paulo: Hacker, 2002.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 2008.

ILARI, R. *Memorial*. 1996. Memorial acadêmico (Memorial apresentado ao concurso para provimento de um cargo de Professor Titular no Departamento de Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LAFETÁ, J. L. Memorial acadêmico. In: *Homenagem a João Luiz Lafetá*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999. p. 13-40.

LEITE, M. Q. *Memorial*. 2006. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso de Livre-Docência junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAGALHÃES, L. E. *Memorial*. 1978. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso de Professor Adjunto no Departamento de Biologia) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz et al. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MATIOLI, S. R. *Memorial*. 2001. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso de Livre-Docência junto ao Departamento de Biologia) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

NEVES, W. *Memorial*. 2007. Memorial acadêmico (Memorial apresentado ao concurso para provimento de um cargo de Professor Titular no Departamento de Genética e Biologia Evolutiva) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PARRET, H. *Sutures sémiotiques*. Limoges: Editions Lambert-Lucas, 2006.

PETTER, M. M. T. *Memorial*. 2008. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso de Livre-Docência junto ao Departamento de Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

URSI, S. *Memorial*. 2007. Memorial acadêmico (Memorial apresentado no concurso para provimento de um cargo de Professor Doutor no Departamento de Botânica) – Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. *Revista Galáxia*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 13-28, jun. 2007.